



ALFAEJA
III Encontro Internacional de Alfabetização
e Educação de Jovens e Adultos

A EDUCAÇÃO PROFISSIONAL INTEGRADA A EJA: COMO CONCRETIZAR O CURRÍCULO INTEGRADO?

Márcia Castilho de Sales, Doutoranda em Educação, Universidade de Brasília/Faculdade de Educação, GENPEX, mcastilhosales@gmail.com

Renato Hilário dos Reis, Doutor em Educação, Universidade de Brasília/Faculdade de Educação, GENPEX, hilarioreis@uol.com.br

EIXO 7. POLÍTICAS PÚBLICAS A EJA NA PERSPECTIVA DO MUNDO DO TRABALHO

RESUMO: Apresentamos uma proposta metodológica de construção do currículo integrado da Educação de Jovens e Adultos com a Educação Profissional que considera os sujeitos trabalhadores, promovem uma formação humana e considera a práxis como base estrutural do processo de aprendizagem. Apresentamos experiências desenvolvidas e resultados alcançados em instituições públicas de ensino que refletem as dificuldades de superação de paradigmas e de romper com a fragmentação dos conhecimentos na busca de uma formação integral. Como estratégia metodológica utilizamos a construção coletiva de planos de curso, objetivando a construção de um itinerário formativo permeado de mecanismos de integração e de protagonismo discente, eixos e projetos integradores.

PALAVRAS CHAVE: Educação Profissional, Educação de Jovens e Adultos, Currículo Integrado.

INTRODUÇÃO

É recorrente nos espaços acadêmicos observarmos que os relatos de experiências e pesquisas na oferta integrada da Educação Profissional com a Educação de Jovens e Adultos, apresentam muitas dificuldades para a concretização da integração. Os empecilhos destacados para superação são: dificuldades de organizar o trabalho pedagógico de forma interdisciplinar; falta de formação dos profissionais de educação para a formação integral; rompimento da lógica das disciplinas e da formação bancária; falta de rotinas de planejamento coletivo; o trabalho interdisciplinar fica a cargo da

iniciativa individual de alguns professores; falta de supervisão pedagógica no sentido de articular as duas formações: geral e específica.

Muitas instituições de ensino, na busca pelo alcance de atendimento de metas e da legislação, criam Planos de Cursos Técnicos para serem implantados sem ter desenvolvido uma discussão prévia dos professores das duas áreas de formação, sobre a definição de forma comum do objetivo geral do curso e do seu itinerário formativo. Não se pode imputar aos professores da formação geral o desconhecimento pelo percurso de aprendizagem de um perfil profissional se não oferecer a eles a oportunidade de conhecer esse itinerário no coletivo, abrangendo suas etapas e fases e, a partir daí, compreender o papel dos seus saberes, da ciência que se especializou, na potencialização dessa formação discente. A pergunta é: *como minha área do conhecimento pode contribuir com o estudante nesse itinerário formativo para formação desse perfil profissional?*

Outras questões sobre a implantação de cursos integrados também são levantadas: *qual a concepção de integração defendemos? Por que a oferta integrada da Educação Profissional com a Educação de Jovens e Adultos é importante? Como desenvolver o processo de integração durante o curso? Como inserir os sujeitos sociais no currículo? Qual a nossa concepção de formação integral? Qual a nossa perspectiva de emancipação? Como desenvolver uma proposta de avaliação formativa?*

Diante da necessidade urgente de expansão dessa oferta integrada e observando que as experiências vividas não obtiveram bons resultados, propomos nesse artigo fazer algumas considerações e apresentarmos uma proposta metodológica de construção de planos de cursos técnicos integrados à EJA, objetivando subsidiar gestores, professores e estudantes na organização do desenho curricular do curso e do trabalho pedagógico.

I. CONTEXTUALIZANDO A ORIGEM DA OFERTA INTEGRADA

Qual a origem do dualismo na educação brasileira? Se nos reportarmos a história veremos que essa ordenação se origina na sociedade em classes, onde a elite, sábios e religiosos sempre tiveram acesso ao conhecimento. Para a classe de baixo poder aquisitivo foi reservada a educação tradicional que destacava as atividades manuais e operacionais. Nesse sentido, os conteúdos oferecidos a cada segmento eram diferentes e a para a classe trabalhadora a discriminação era ampliada e enraizada na sociedade. A Educação Profissional é marcada pelo tecnicismo e aligeiramento que historicamente tem funcionalizado e reduzido esta modalidade educacional aos interesses imediatos da reprodução do capital.

Para a Educação de Jovens e Adultos, ofertada geralmente por programas pontuais e focais, em que o imprevisto e a precariedade são a marca característica, a proposta da integração da formação básica com a profissional é fundamental, pois segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD/IBGE, 2012), o Brasil tinha uma população de 45,8 milhões de pessoas com 18 anos ou mais que não frequentavam a escola e não tinham o ensino fundamental completo. Esse contingente poderia ser considerado uma parcela da população a ser atendida pela Educação de Jovens e Adultos - EJA. Isso significa que o atendimento de EJA está muito aquém do que poderia e deveria ser.

O Decreto 5.840/2006 estabeleceu, no âmbito federal, o Programa Nacional de Integração da Educação Profissional à Educação Básica, na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos – PROEJA e situa, nesse mesmo decreto, as suas diretrizes. No documento, observa-se que no

Art. 1. § 1º O PROEJA abrangerá os seguintes cursos e programas de educação profissional: I - formação inicial e continuada de trabalhadores; e II – educação profissional técnica de nível médio. § 2º Os cursos e programas do PROEJA deverão considerar as características dos jovens e adultos atendidos, e poderão ser articulados: I - ao ensino fundamental ou ao ensino médio, objetivando a elevação do nível de escolaridade do trabalhador, no caso da formação inicial e continuada de trabalhadores, nos termos do art. 3º, § 2º, do Decreto nº 5.154, de 23 de julho de 2004; e 55 II - ao ensino médio, de forma integrada ou concomitante, nos termos do art. 4º, § 1º, incisos I e II, do Decreto nº 5.154, de 2004. (BRASIL, 2007, p. 55)

O surgimento do Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Jovens e Adultos (PROEJA) vem possibilitar um projeto de sociedade e de educação alternativo para a classe trabalhadora, permitindo a integração da Educação Básica com a Educação Profissional (EP). Um novo perfil de estudante oriundo da escola pública, com diversos níveis de conhecimentos expectativas de vida e diferentes faixas etárias vislumbram uma política de educação perene, que se faça ao longo da vida e auxilie a emancipação e humanização, valorizando seus saberes por meio do currículo integrado. De forma que a concepção de formação integral do educando é de:

[...] proporcionar a formação de cidadãos-profissionais capazes de compreender a realidade social, econômica, política, cultural e do mundo do trabalho, para nela inserir-se e atuar de forma ética e competente, técnica e politicamente, visando à transformação da sociedade em função dos interesses sociais e coletivos especialmente os da classe trabalhadora (BRASIL, 2007, p.35).

O Plano Nacional de Educação (PNE) determina diretrizes, metas e estratégias para a política educacional dos próximos dez anos. Nele se destaca que o

“[...] atendimento do que a meta prevê dependerá não só da superação de um problema crucial na educação brasileira, qual seja sanar a dívida histórica que o País tem com um número grande de pessoas que não tiveram acesso à educação na idade certa, como também impedir que este tipo de exclusão continue se repetindo ao longo do tempo” (BRASIL, 2015, p. 05).

A Meta 10 e a 11 do Plano Nacional de Educação apresenta uma série de estratégias para expandir a oferta da Educação Profissional e integrada com a EJA e o EM. Apesar de avanços e esforços no sentido de ampliar esse atendimento, precisamos superar a visão de suplência e de práticas aligeiradas na modalidade da EJA, avançando na concretização do currículo integrado.

Essa foi a resposta para o enfrentamento das desigualdades educacionais que persistem na realidade brasileira e a busca para análises e proposições que visem contribuir com a concretização do direito à educação básica, gratuita, de qualidade e socialmente referenciada para todos. A universalização do acesso à educação, bem como a permanência dos jovens e adultos no sistema de ensino, é uma forma de consolidar a democracia, ampliando oportunidades educativas e a valorização da nossa cultura e diversidade social.

Apresentaremos a seguir a concepção de organização de currículo integrado sob pressupostos marxistas e da corrente histórico-cultural.

II. O CURRÍCULO NA CONCEPÇÃO HISTÓRICO-CRÍTICA

Vigotski e Bakhtin, um no campo da Psicologia e o outro no campo da Linguagem, afirmam que educação é um processo constituinte da experiência humana,

pois ela faz parte dos processos de socialização, de humanização e desumanização. Em suma, se o sujeito é constituído pela sociedade, ele ao mesmo tempo constitui essa mesma sociedade em que está sendo inserido. Somente através das nossas relações com outros indivíduos tornamo-nos nós mesmos. Dessa forma, o processo de desenvolvimento humano deve primar por proporcionar nos seus espaços educativos a experiência humana. A diversidade deve também fazer presente nesse processo, pois é inerente a condição humana as diferenças culturais e sociais que devem ser prestigiadas no desenvolvimento da formação. Destacamos a seguir o processo de aprendizagem que considera a diversidade nas relações sociais:

Nesse processo, marcado pela interação contínua entre o ser humano e o meio, no contexto das relações sociais, é que construímos nosso conhecimento, valores, representações e identidades. Sendo assim, tanto o desenvolvimento biológico, quanto o domínio das práticas culturais existentes no nosso meio são imprescindíveis para a realização do acontecer humano. Este último, enquanto uma experiência que atravessa toda sociedade e toda cultura, não se caracteriza somente pela unidade do gênero humano, mas, sobretudo, pela riqueza da diversidade. (GOMES, 2007: p. 18)

No documento publicado pelo Ministério da Educação, Indagações sobre currículo, no eixo: Currículo; Conhecimento e Cultura, Moreira e Candau (2007, p. 18), concebem o “currículo como as experiências escolares que se desdobram em torno do conhecimento”. Nessa perspectiva de currículo observamos que ele provoca tensões, uma vez que os sujeitos - adolescentes, jovens e adultos – nem sempre são incorporados nessa escola – pois constata-se a rejeição, a reprovação e muitos percursos escolares truncados e estancados. Se esses são os sujeitos que no atual contexto escolar estão presentes em nossas salas de aula, como reconhecê-los como sujeitos de histórias e conhecimentos? Como incorporar esses sujeitos coletivos e sociais na centralidade dos currículos? Como dar voz, espaço e autoria a esses sujeitos historicamente ocultados? Arroyo (2011) afirma que

Do reconhecimento dessa rica diversidade de sujeitos poderá vir o enriquecimento dos currículos e a dinamização das salas de aulas e escolas. (ARROYO, 2011: p. 148).

Na visão conservadora, esses sujeitos são os outros, ou seja, são os mesmos que são vistos com desconforto nas cidades, nas ruas, nas manifestações culturais e até nas famílias. Estão na mídia em reportagens negativas e nas explorações de ocorrências policiais. São os que estão participando de programas de emprego que lhes abram a porta para novas perspectivas. São os outros, pois não tem futuro e nem lugar. De fato, esses estudantes que hoje ocupam nossas salas de aulas são outros. Eles chegaram dos setores populares. Agora precisamos reconhecê-los como outros e providenciarmos outro sistema, outros ordenamentos curriculares, outras didáticas e outra formação docente. A inclusão desses sujeitos no currículo escolar exige mudanças de estrutura de tempos, espaços, desenhos curriculares, didáticas e avaliações. Arroyo (2011) rejeita a reforma do ensino com o seguinte argumento:

Quando não se tem coragem de mexer nessas velhas estruturas e velhos ordenamentos segregadores a tendência será inventar projetos periféricos inclusivos dos adolescentes e jovens populares. Diante de resultados tão fracos as análises terminarão culpando os educandos populares como in-incluíveis (ARROYO, 2011: p. 227).

Arroyo (op. cit.) também constata que os currículos e livros didáticos são espaços de saberes descolados do cotidiano, vivido e concreto no campo social e político, sobretudo dos sujeitos humanos produtores dessas vivências e conhecimentos, inferiorizando-os e desvalorizando-os. Toda a ciência “é uma produção de múltiplos sujeitos. Os coletivos populares também produzem ciência, tecnologias” em vários

campos: moradias, agricultura familiar, no trabalho, na sobrevivência etc. Os currículos devem incorporar os sujeitos sociais, políticos e culturais, étnicos e raciais e suas experiências e indagações, no sentido de reconhecer as autorias negadas e reprimidas historicamente, com direito a memória, ao autoconhecimento, aos saberes de suas existências e do tempo.

Reis (2011) retoma Bakhtin e Vigotski ao afirmar que a constituição do sujeito se dá nas suas relações sociais e também constituem as relações sociais no âmbito de atuação: a práxis da constituição do sujeito se insere na práxis histórica da própria constituição da sociedade, da própria humanidade (REIS, 2011, p. 146). Na produção da vida social, na tessitura de conexões, os sujeitos da EJA e os Jovens e Adolescentes precisam de um currículo que possibilite a constituição de sujeitos de amor-poder-saber na totalidade dialética das relações sociais. “Seres humanos concretos que são essas relações sociais. Constituindo essas relações e sendo por elas constituído” (REIS, 2011: p. 102).

Como desenvolver uma proposta de criação de planos de curso integrados reconhecendo os sujeitos sociais e oportunizando seu protagonismo? Como possibilitar ao docente a possibilidade de construir um percurso de aprendizagem que proporcione uma formação integral? Optamos assim por valorizar aspectos importantes nessa produção/construção do currículo integrado;

- O trabalho de construção coletiva envolvendo todos os atores no processo – estudantes, professores, gestores e comunidade;
- Um currículo que parte do real/concreto/vivido no desenvolvimento do itinerário formativo no curso;
- O movimento prático como um pilar sustentador no processo de ensino/aprendizagem.

A seguir, apresentamos a experiência de expansão da oferta da Educação Profissional integrada ao Ensino Médio e a Educação de Jovens e Adultos no DF nessa modalidade, oferecendo cursos técnicos a partir do currículo integrado.

III. COMO CONFIGURAR O CURRÍCULO INTEGRADO?

O que é integrar? Para melhor compreender o sentido de “currículo integrado”, precisamos fazer alguns esclarecimentos sobre o termo utilizado. Recorrendo ao dicionário Aurélio, a palavra integrar significa: tornar inteiro; completar; integralizar; fazer parte de; juntar; tornar-se parte integrante; incorporar-se. Que tipo de integração queremos evidenciar? Uma educação nas suas múltiplas dimensões, como uma totalidade social, forjada a partir dos processos históricos e educativos. Quando utilizamos o termo “currículo integrado”, queremos enfatizar que a Educação Geral se torne parte indissociável da Educação Profissional, promovendo a preparação para o trabalho, ou seja, que a formação integrada para o trabalho perpassa todos os processos educativos, começando na formação inicial, passando pelo ensino técnico, tecnológico e superior, tendo o trabalho como princípio educativo.

Nessa perspectiva, a formação de trabalhadores tem que superar a expectativa do domínio de competências e habilidades, tecida na lógica da ênfase ao trabalho manual. É fundamental suplantar a dicotomia histórica do trabalho manual e intelectual, que privilegia a camada social de baixo poder aquisitivo, a prática operacional e treinamentos, oferecendo uma formação completa sobre uma visão de mundo, a compreensão e apropriação de sua trajetória histórica-social, visando à emancipação social dos educandos (FRIGOTTO, 2005).

3.1 Metodologia de trabalho

A proposta de expansão da oferta integrada da EP com a EJA aconteceu no DF, em instituições públicas de ensino, oferecendo formação em nível distrital e federal.

Para não provocar mais um obstáculo à para a expansão da oferta integrada nessas instituições, foi redigido um documento norteador que subsidiava o trabalho de construção coletiva dos planos de cursos dos técnicos integrados. As Orientações Pedagógicas para integração da Educação Profissional com a EJA e o Ensino Médio foi lançada em 2014 e utilizada como escopo nas discussões da implantação da forma integrada.

Na primeira fase da formação, revisitamos princípios e resignificamos conceitos e concepções de mundo e sociedade, destacando a função social da instituição, o perfil de estudantes atendidos e a organização do trabalho pedagógico para a oferta integrada. Nesses encontros realizávamos oficinas, sensibilização e discussões sobre essas temáticas. Como exemplo podemos destacar a questão de realizar exame ou sorteio para o acesso dos candidatos no curso era fundamental e para isso, após leituras previamente definidas a favor e contrário a exames e sorteios, aconteceu a discussão sobre a temática, definindo que a melhor forma de acesso seria pelo sorteio.

No trabalho de construção coletiva do currículo integrado, discutimos com eles o documento norteador que apresentava concepções e princípios, destacados abaixo, que precisavam ser contemplados no currículo do curso integrado. Nesse processo de discussão, o currículo foi sendo concretizado, a partir da definição de itens específicos que constam no documento norteador e que são princípios estruturantes para o desenho curricular oferta integrada:

- *Eixos estruturantes e integradores como alternativa para a concretização de um currículo integrado:* definimos o objetivo geral do curso, onde as duas formações (geral e específica) devem estar contempladas e responder à pergunta: Que tipo de profissional desejamos formar? É definido então o eixo transversal, que expressa o sentido geral da formação, naquela região, com aquela comunidade e de acordo com o Projeto Pedagógico da instituição. Os eixos integradores devem ser acolhidos no desenvolvimento do trabalho pedagógico, perpassando pelas diversas saberes e sendo contemplados nos objetivos expressos das atividades integradoras, como feiras culturais, circuitos, exposições, projetos, construção de produtos, entre outros.
- *Trabalho interdisciplinar:* a interdisciplinaridade é uma etapa no processo de integração, pois os saberes são concebidos e trabalhados no desenho curricular do curso como um conhecimento único, ou seja, as atividades e ações desenvolvidas tem um ponto único de partida e se concretiza por um planejamento coletivo e no desenvolvimento dos eventos integradores, como realizações de estudos e pesquisas compartilhadas (concebidas por mais de um docente, ou por um parceiro institucional etc), entrevistas, exposições, feiras, seminários e/ou projetos integradores.
- *Trabalho em rede:* todos são responsáveis pelo desenvolvimento do curso de forma integrada. Não cabe planejamento e ações isoladas. O desafio é promover a rotina de planejamento coletivo, onde são concebidas todas as atividades do curso. A gestão cooperativa na escola busca desenvolver as ações pedagógicas em parcerias, construindo grupos de trabalho que se desdobram em ações permanentes e

temporárias, conforme cronograma construído por todos. Esse trabalho coletivo proporciona uma avaliação permanente do processo, permitindo continuidade, aperfeiçoamento ou desvios de rota.

- *Conhecimento trabalhado de forma integral*: ao definir um ponto de partida, ou seja, ao criarmos situações-problemas-desafios concebidas no coletivo, a partir do concreto-vivido/ocorrido, possibilitamos aos estudantes pesquisar o conhecimento na sua totalidade, e não apenas sob o ângulo de uma ciência. A partir da situação-problema desafio constituído, as ciências vão orientando e definindo saberes que vão possibilitar aos estudantes a busca de respostas a luz dos vários campos do conhecimento. Essa proposta se diferencia da lógica disciplinar, pois na perspectiva do conhecimento integrado, o objeto é trabalhado na sua totalidade, rompendo a fragmentação do conhecimento. Por isso é fundamental que selecionemos saberes que viabilizem o conhecimento da realidade vivida e das experiências dos sujeitos, reafirmando suas histórias como protagonistas da cultura.
- *Criação de projetos integrados para intervenção*: na concepção de um desenho curricular integrado, o projeto integrador tem um papel fundamental. Ele se origina dos eixos integradores do curso e obedece a uma sequência ou etapas definidas pelo coletivo, para determinado período. O Projeto Integrador parte de objetivos/atividades que os estudantes deverão vivenciar na sua formação. Ele é concebido pelo coletivo em linhas gerais previamente, para ocorrer durante o período do eixo integrador e sempre que possível articulada ao mundo do trabalho. As etapas básicas para o desenvolvimento do Projeto são: planejamento, execução e avaliação.
- *A pesquisa como promotora de conhecimento*: numa proposta integrada a teoria e a prática são indissociáveis. O processo de aprendizagem deve ser pautado na consolidação do conhecimento por meio de produções científicas, no qual o estudante é desafiado a apresentar e elaborar produtos (equipamentos, rotinas tecnológicas, aplicativos, entre outros) para desenvolver ações de base proativa atendendo a função social do curso. A metodologia científica deve ser adotada, não de forma burocrática e densa, mas sim com a certeza da conquista de soluções/resultados com base na pesquisa.
- *Trabalho como princípio educativo*: desenvolver o protagonismo dos estudantes para o desenvolvimento de uma cultura para o trabalho e demais práticas sociais e transformadoras. Ao realizar essas atividades, eles poderão explorar interesses vocacionais, além de perspectivas pessoais e de organização sócia, construindo sua autonomia, ao formular e ensaiar a concretização de projetos de vida e de sociedade (OP, 2014, p. 42-46).

Em seguida as discussões sobre os princípios da oferta integrada, a instituição partiu para decidir qual seria o perfil profissional que seria oferecido. A definição de perfil profissional partiu de um amplo debate, envolvendo toda a comunidade escolar de cada instituição e pautando-se pelas reais condições de organização de recursos humanos e físicos para a implantação do curso. No âmbito federal, definiu-se a formação a partir do eixo tecnológico já oferecido no campus.

As escolas estaduais receberam especialistas que explicaram o itinerário formativo do técnico escolhido, deixando claro para todo o grupo, os saberes necessários para uma formação profissional. Questões como: qual o papel da docência e a função social da escola? Que concepções de sociedade, de escola, de educação, de conhecimento, de cultura e de currículo orientarão a escolha das práticas educativas para os sujeitos da EJA? E para o Ensino Médio integrado? Isso foi desencadeador de várias situações problemas e que o grupo ia encontrando as respostas no diálogo, estudo e pesquisa. As formas de acesso, permanência e avaliação foram aprofundadas e definidas pelo grupo, constando na sistematização do Plano de Curso Técnico Integrado. Essas discussões promovem a formação de educadores que discutem soluções para problemas crônicos na educação e passam a dar ênfase para definição de estratégias coletivas para sua superação.

Dessa forma, supera-se no diálogo formativo e a lógica cartesiana/fragmentada de currículo, flexibilizando tempos, espaços, planejamento, avaliação para atender o sujeito da EJA e o jovem do EM integrado.

A compreensão que a integração não é a justaposição de disciplinas se consolida na construção dos eixos e projetos integradores, que objetivam desenvolver de forma integral os conhecimentos das disciplinas.

A definição dos mecanismos de integração de forma coletiva proporcionou a clareza necessária a todos os participantes, pois suas funções seriam de articulação/integração entre a formação geral e a específica. Esses mecanismos atuam de modo sinérgico na integração dos diferentes componentes do currículo: núcleo articulador; áreas de conhecimento; dimensões articuladoras (trabalho, cultura, ciência e tecnologia); A seguir, detalhamos cada item básico para ser concebido/contemplado na organização da integração no plano de curso da escola:

1. *Eixos integradores*: os eixos são definidos a partir do itinerário formativo do estudante do curso. Eles estão sintonizados com as etapas de formação que será desenvolvida para o alcance da formação técnica. Na EJA integrada, essas etapas podem se constituir como de terminalidade ou certificadoras e/ou saídas intermediárias.

2. *Atividades interdisciplinares*: instrumentos fundamentais de integração e de atribuição de significados aos conteúdos curriculares que buscam procedimentos interdisciplinares capazes de incentivar o diálogo entre diferentes sujeitos, ciências, saberes e temas. Elas são planejadas a partir do projeto integrador. Exemplos: portfólios, avaliação integrada etc.

3. *Eventos integradores*: objetivam proporcionar a culminância das atividades do projeto integrador do período letivo. Exemplos: feiras, circuitos, semana de integração etc.

4. *Projeto integrador*: se efetiva diretamente a preparação básica para e pelo trabalho do perfil profissional. Essa preparação é entendida como o desenvolvimento dos conhecimentos, atitudes, valores e capacidades necessários a todo tipo de trabalho, com destaque para: elaboração de planos e projetos; capacidade de trabalhar em equipe; crítica e escolha de alternativas de divisão e de organização do trabalho; utilização de mecanismos de acesso, de defesa de direitos e de empreendedorismo.

A seguir o quadro construído em cada instituição para subsidiar a o plano de curso, seguindo a ordem e etapas:

Tabela 3.Itens do desenho curricular do curso integrado para serem construídos pelo grupo.

PERFIL PROFISSIONAL
OBJETIVO GERAL DO CURSO: deve-se contemplar a formação humana politécnica numa perspectiva emancipatória.
EIXO ESTRUTURANTE OU TRANSVERSAL DO CURSO: relaciona o objetivo geral com o propósito da formação.

EIXO INTEGRADOR: na proposição de saberes, quer sejam organizados por temáticas, eixos conceituais, e/ou situações-problemas-desafios, os quais viabilizem a integração horizontal.

PROJETO INTEGRADOR: pode se constituir como um espaço de articulação para o desenvolvimento, acompanhamento das atividades/pesquisas que serão realizadas com vistas a solucionar a situação-problema-desafio escolhida pelo coletivo de alunos. Ele visa problematizar temas de fundamental importância na área do curso, como forma de contextualizar o ambiente real de trabalho, articulando a interdisciplinaridade rumo à transdisciplinaridade. Ele deve ser construído pelos discentes, privilegiando as etapas de diagnóstico, planejamento, desenvolvimento e avaliação, sendo acompanhado e avaliado durante todo o período escolar.

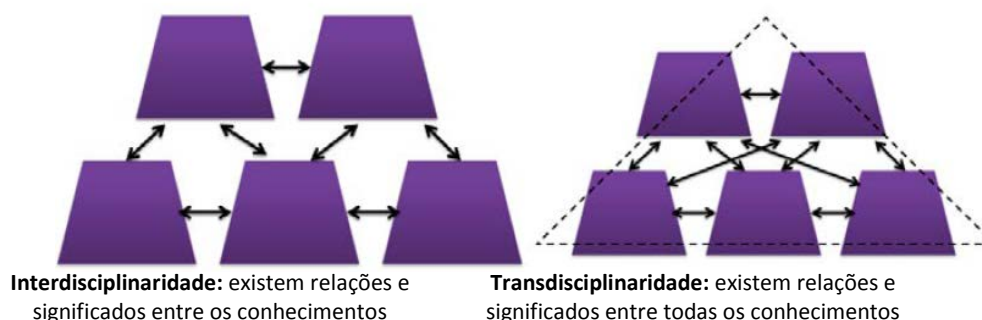
ATIVIDADES INTERDISCIPLINARES: podem ser desenvolvidas para promover de forma pontual o estudo e pesquisada direcionados a alguns saberes que se relacionam com o projeto integrador ou dimensões articuladoras (Ciência, tecnologia, cultura).

EVENTOS INTEGRADORES: são eventos que objetivam proporcionar a culminância da pesquisa e produtos do período letivo. Exemplos: feiras, circuitos, semana de integração etc.

É importante deixar claro que a construção desse desenho curricular possibilitou aos participantes a compreensão de uma formação integral do estudante, pois como todos os professores (formação geral e específica) estavam envolvidos na construção do currículo integrado, as contribuições de ambas formações foram equilibradas, não predominando uma área sobre a outra, tão comum em instituições que oferecem apenas uma área de formação.

Além disso, nesse processo ficou claro o conceito de interdisciplinaridade e transdisciplinaridade. Observe a figura abaixo:

Figura 1. Relações interdisciplinares e transdisciplinares



Observamos que a passagem das práticas interdisciplinares para adotar a prática transdisciplinar, exige a mudança paradigmática no sentido de propor o diálogo dos saberes com o conhecimento socialmente produzido. A transversalidade significa, segundo Fonseca (2005), “transitar pelos territórios dos saberes”, vislumbrando a possibilidade da totalidade do ato de conhecer. A definição do projeto integrador partiu desses conhecimentos únicos, consistindo naquilo que está *entre* as ciências, *através* dos diferentes saberes e *além* de toda disciplina (NICOLESCU, 1999). Os projetos seriam definidos em linhas gerais, com objetivos específicos que deveriam ser alcançados em cada ano ou série, para serem submetidos aos estudantes no início das atividades, onde seriam aperfeiçoados. Com base nesse recorte de temática ou conceito, que teria como referência o concreto e vivido pelos estudantes, seria construída uma situação-problema-desafio. Tais olhares metodológicos consolidam a prática educativa na Educação Profissional. Convém destacar que ao definirmos esses projetos integrados no final do ano/série/semestre anterior ao que será implementado, permite que os professores se organizem com antecedência no alcance dos objetivos. Evitamos assim, “trocar o pneu com o carro andando”.

Figura 2. O movimento de potencialização do Projeto Integrador no currículo integrado



Como resultado de todo o processo de construção do currículo integrado, cada docente, de acordo com o perfil profissional do curso, do seu objetivo geral, do eixo transversal definido, dos eixos integradores e projeto integrador de cada ano ou módulo, definiria os conhecimentos, suas dimensões éticas, conceituais, teórico-práticas e suas bases tecnológicas a serem trabalhadas para desenvolver formação profissional e integral do educando. Esses conhecimentos devem articular saberes, pedagogicamente organizados, que promovam aprendizagens profissionais significativas, por meio de estratégias que rompam com a lógica conteudista das disciplinas. Dessa forma, sendo constituídos ao final da estrutura do currículo integrado, para posteriormente comporem suas ementas no plano de curso, os conhecimentos irão promover o diálogo e sentido dos fazeres do projeto integrador, dando o suporte ao mesmo e potencializando-o.

O projeto integrador visa problematizar temas de fundamental importância na área do curso, como forma de contextualizar o ambiente real de trabalho, articular a interdisciplinaridade, indo em direção à transdisciplinaridade. Propicia atividades em equipe, estimula o aprendizado e identifica a evolução da construção de saberes, com relação à profissionalização e a futura diplomação. Ele volta-se, principalmente, para o reconhecimento da habilidade de articulação entre os saberes do aluno durante a concepção, elaboração e construção do processo de caracterização dos saberes em estudo.

Como alternativa ao Estágio Supervisionado, que frequentemente é desenvolvido ao final do curso, foi definida uma estratégia de formação profissional para a EJA integrada a EP, denominada de *Práticas Pedagógicas Supervisionadas*. Elas são desenvolvidas de forma indireta durante todo o curso, definindo-se para ela uma carga horária por ano/semestre. Elas são concebidas como aquelas em que o cursista experimenta e responde demandas do seu fazer profissional. São momentos de problematização da rotina e de criação de outras possibilidades práticas fundamentadas nos conhecimentos da base comum e específicas do curso e das necessidades educativas da escola, intrínsecas ao currículo, desenvolvidas nos ambientes de aprendizagem. As Práticas Pedagógicas Supervisionadas corroboram para o desenvolvimento do projeto integrador, constituindo-se como ações e eventos que capacitam os alunos para as saídas intermediárias (FIC intermediários – opcionais para a EJA integrada), bem como para sua certificação como técnico. Dessa forma permite que a aproximação dos estudantes com as atividades de pesquisa de campo, de investigação científica, de aproximação com o ambiente laboral e a vivência de experiências profissionais de forma gradual e vinculadas com o projeto integrador, possam constituir uma formação profissional integral. Essa estratégia é mais um elo da engrenagem dos mecanismos de integração e procura concretizar o trabalho como princípio educativo.

A seguir, apresentamos as instituições do âmbito distrital e federal que fizeram a adesão à oferta e construíram seus planos de curso, discriminando os eixos definidos pelo coletivo:

Tabela 1. Instituições estaduais participantes da expansão da oferta integrada da EP no DF, Brasília – 2014.

Instituições	Perfil profissional	Eixos transversal	Período
Centro Educacional Irmã Maria Regina Vilanes Regis	Técnico em Controle Ambiental	Sustentabilidade: terra, trabalho e transformação social	Abril a agosto
Centro Educacional 01 - Cruzeiro	Técnico em Informática para internet integrado ao Ensino Médio	Diversidade e Multilinguagens	Agosto a setembro
Centro Educacional 02 - Cruzeiro	Técnico em Comunicação Visual Integrado ao Ensino Médio	A construção da cidadania na diversidade e no contexto das multilinguagens	Agosto a setembro
Centro Educacional 02 - Cruzeiro	Técnico em Serviços Públicos Integrado À Educação de Jovens e Adultos	Ética, trabalho, responsabilidade social e ambiental	Agosto a novembro

Tabela 2. Campus do Instituto Federal de Brasília participantes da expansão da oferta integrada da EP no DF, 2015/2016.

Instituições	Perfil profissional	Eixo transversal
IF Estrutural	Técnico em Refrigeração e Climatização	Trabalho, Meio Ambiente e Energia
IF Ceilândia	Técnico em Segurança no Trabalho	Trabalho e Segurança
IF São Sebastião	Técnico em Marketing	Sociedade e trabalho
IF Riacho Fundo	Técnico em Panificação e Confeitaria	Alimentação e trabalho
IF Gama	Técnico em Administração	Administração, cidadania e trabalho

A seguir, sistematizamos a metodologia adotada por etapas para ser construída pelo coletivo de professores:

1ª Etapa: É imprescindível que na elaboração do Plano do Curso se expresse as concepções das diretrizes curriculares adotadas no documento base (2007), nas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Profissional e Técnica e reflita o Projeto Político- Pedagógico da Instituição de Ensino.

2ª Etapa: A partir definição do perfil sócio laboral de conclusão e do itinerário formativo, nos respectivos eixos profissionais tecnológicos, segundo o Catálogo Nacional de Cursos Técnicos¹, deve-se conciliar as demandas identificadas com a vocação da instituição de ensino, as suas reais condições de viabilização e as necessidades da região e comunidade. Define-se também a carga-horária do curso, o período previsto (semestre/ano) e as etapas com certificação (opcional na EJA integrada), definidas ao final dos diferentes sistemas de organização temporal. Nessa etapa, a equipe técnica apresenta aos docentes todo o itinerário formativo que os alunos irão desenvolver no curso, para que os professores da formação geral identifiquem os conteúdos, estratégias e aproximações entre as duas formações. Os professores têm que conhecer o itinerário formativo do estudante no curso, para definir no coletivo as etapas de formação, ou o processo formativo concebido, ou ainda, os eixos de formação. Em todo perfil profissional esse processo é estabelecido, e, com o apoio dos professores da área específica, todos os docentes e gestores passam também a compreender e dominar

¹ Catálogo Nacional de Cursos Técnicos. Disponível em: <http://pronatec.mec.gov.br/cnct/> . Acesso em 20/04/2016.

o percurso formativo, com a clareza necessária para depois, nas discussões dos projetos e eventos integradores, contribuir a partir de suas especialidades.

3ª Etapa: Definição do eixo transversal do curso (baseado na missão da instituição) e dos eixos integradores que irão promover a articulação no módulo/ano ou período escolar.

4ª Etapa: Definição do projeto integrador de intervenção. Ele tem caráter interdisciplinar, constituído de etapas ou fases, no sentido da integração curricular e da mobilização, realização e produção de conhecimentos práticos que contribuam com a formação de uma visão da totalidade no decorrer do percurso formativo do estudante. Ele é trabalho, intervenção na natureza como produção social da vida. A partir desse recorte de realidade, é submetido ao coletivo de estudantes, para que os mesmos após discussões, possam definir uma situação-problema-desafio.

5ª Etapa: Definição dos eventos de integração que objetivam propiciar ao estudante a visualização e valorização do resultado do seu trabalho pedagógico pelos docentes e comunidade, como encontros temáticos, feiras, seminários, painéis, jornadas entre outros, ao final de cada período escolar. Atende a culminância do projeto integrador.

6ª Etapa: Definição da organização do trabalho pedagógico, das abordagens metodológicas/curriculares (de complexos temáticos; esquemas conceituais; centrada em resoluções de problemas; mediada por dilemas reais vividos pela sociedade; Projetos de Trabalho e áreas do conhecimento); e tempos, espaços e avaliação do estudante. Definição de critérios e procedimentos de avaliação da aprendizagem e da constituição de competências profissionais.

7ª Etapa: Identificação pelos docentes dos conhecimentos, das dimensões éticas, conceituais, teórico-práticas e suas bases tecnológicas a serem trabalhadas pelas escolas/cursos, de acordo com as dimensões formativas para desenvolver formação profissional e integral do educando. Esses conhecimentos devem articular saberes, pedagogicamente organizados, que promovam aprendizagens profissionais significativas, por meio de estratégias que rompam com a lógica conteudista das disciplinas. Devem-se selecionar conhecimentos/saberes significativos e relevantes ao perfil profissional em formação humana.

8ª Etapa: Definição do processo de avaliação institucional. Identificar o perfil do estudante no momento do ingresso no curso, ao longo do respectivo curso e na condição de egresso para referendar melhorias da proposta pedagógica e educacional.

9ª Etapa: Elaboração do plano do curso para apreciação dos órgãos educacionais competentes.

Após o processo de construção coletiva em cada instituição, uma avaliação era realizada, objetivando levantar as diversas opiniões sobre todo o movimento vivenciado. Também colhemos opiniões no CED Irmã Regina após a implantação do curso, procurando observar a postura do coletivo frente a integração e como concretizava os princípios e concepções construídas anteriormente. Passamos a seguir a relatar os resultados alcançados a partir da construção coletiva de planos de curso integrados.

IV. CONCLUSÕES PARCIAIS

Ao assumir a construção de currículo integrados, os professores passam a ter um novo olhar do conhecimento e da organização curricular. Ele passa a identificar conhecimentos e saberes que estão além da sua disciplina e a desenvolver a mesma

numa articulação constante e permanente com seus pares, na perspectiva do trabalho transdisciplinar. Não se contenta em apenas redimensionar seu fazer pedagógico, mas vislumbra novos desenhos curriculares para as diversas formações que desenvolve, encontrando o sentido do seu trabalho pedagógico.

O resultado das reuniões de construção coletiva dos cursos pode ser expressado pelo depoimento a seguir:

Eu confesso que para mim essa forma de conceber o currículo é uma novidade. Creio que poderemos utiliza-la inclusive na proposta de ensino médio integrado. Nosso curso integrado tinha que ser concebido dessa forma! Muitos problemas que vivenciamos hoje poderiam ter sido evitados. Temos que revisitar o plano de curso e rediscuti-lo.

Essa metodologia vai nos ajudar muito no enriquecimento dos nossos planos de cursos, mas principalmente na nossa organização pedagógica e rever nossas estratégias. (Professor do IF de São Sebastião).

O depoimento acima do Professor não só destaca a importância desse processo na organização do currículo da EJA integrada, como também para redimensionar, o Curso Técnico integrado ao Ensino Médio na mesma instituição.

Não é fácil concretizar uma prática de construção de currículos integrados no atual contexto educacional. Na EJA integrada a maioria das instituições tratam da oferta como se fosse mais um curso a ser ofertado, sem levar em conta o perfil dos estudantes, o acesso com formas de permanência diferenciadas e uma avaliação formativa que promova a emancipação. Não é raro que as pesquisas apontem essas características como as mais promotoras da evasão desses sujeitos.

Além de negligenciar as especificidades dos jovens e adultos trabalhadores, muitas organizam o currículo como ofertas justapostas e não integradas. Isso resulta numa grande oferta fragmentada, sobrecarregando os estudantes em aprofundamentos e análises sem conectividade, provocando alienação e descontinuidade. Muitos desses estudantes interrompem seus estudos, sendo que para adultos trabalhadores, acontece a segunda expulsão do sistema de ensino, pois foram convidados a recomeçar seus estudos sobre uma perspectiva integrada e, ao constatarem a bagagem de conhecimentos dissociados, observam sua incapacidade de fazer frente aos estudos, desistindo assim novamente de sua formação. Não creio que retornem mais, pois correm o risco da escola promover sua terceira expulsão.

No Ensino Médio integrado a lógica do movimento de formação para a graduação ainda persiste fortemente. Com a criação de cursos com carga-horárias ampliadas, observa-se que a formação técnica anda em descompasso com a formação geral, e muitas das atividades integradas são realizadas por iniciativa de docentes, desenvolvendo a interdisciplinaridade. Os projetos concebidos não são abraçados por todos os professores, passando a serem desenvolvidos em paralelo a formação, privilegiando a formação geral. Observa-se nesse contexto que a falta de conhecimento dos professores da formação geral sobre o itinerário formativo do técnico do respectivo curso provoca a ruptura da formação profissional, pois os mesmos não visualizam no que a sua disciplina pode contribuir com a formação técnica. Esse conhecimento detalhado sobre esse itinerário é definidor nesse processo de construção. Nenhuma formação é mais importante na oferta integrada.

Observamos nesse processo o grande diferencial do currículo integrado quando é concebido por todos (formação geral e específica), definindo um itinerário formativo a partir de uma concepção construída por seus pares, decidindo o objetivo geral do curso a partir da compreensão do que é formação integral do estudante. Além disso, desenvolvemos o protagonismo nos atores do curso – estudantes e docentes – na autoria

e produção de conhecimentos. Os sujeitos de amor-poder-saber são constituídos à medida que contribuem a transformação social, sendo que ao contribuir, se constituem/transformam simultaneamente no seu contexto histórico-cultural, nas suas relações sociais.

A formação dos professores deve estar em sintonia com as demandas da formação integral. Uma formação pensada e definida no coletivo atende mais e melhor os resultados aspirados. O espaço das reuniões coletivas se transforma no grande espaço de formação continuada, pois além de desenvolver o movimento do curso integrado, ela promove uma avaliação sistematizada dos atores do processo, nas discussões sobre os projetos, a avaliação, as práticas pedagógicas supervisionadas, nos eventos integradores etc.

É imperativo que possamos desenvolver o resgate da escola como lugar de memória onde todos possam pensar de modo orgânico e criativo projetos autônomos educação.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel G. Currículo, território em disputa. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

BAKHTIN, Mikhail (Volochinov, V. N.). Marxismo e filosofia da linguagem. São Paulo, Hucitec. 1995.

BRASIL. Ministério da Educação. Programa Nacional de Integração da Educação Profissional à Educação Básica na Modalidade Educação de Jovens e Adultos – PROEJA: documento base. Brasília: MEC, 2007. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf2/proeja_medio.pdf>. Acesso em: 27 dez. 2010.

_____. Decreto nº 5840 de 13 de julho de 2006. Institui no âmbito federal, o Programa Nacional da Educação Profissional como Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos-PROEJA e dá outras providências. Brasília: Casa Civil da Presidência da República, 2006.

CORRÊA, Vera. As relações sociais na escola e a produção da existência do professor. In: FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria; RAMOS, Marise. Ensino médio integrado: concepção e contradições. São Paulo: Cortez, 2004.

CNE. Resolução CNE/CEB nº 6/2012. Define Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional Técnica de Nível Médio. Brasília: CNE, 2012.

DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Estado de Educação. Coordenação de Educação Profissional. Orientações pedagógicas da integração da educação profissional com o ensino médio e a educação de jovens e adultos. Brasília: SEDF, 2014.

_____. Secretaria de Estado de Educação. Coordenação de Educação Profissional. Currículo da educação profissional e da Educação a distância. Brasília: SEDF, 2014.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FRIGOTTO, G. A produtividade da escola improdutiva. São Paulo, Cortez/Autores Associados, 1989.

_____, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria; RAMOS, Marise. Ensino médio integrado: concepção e contradições. São Paulo: Cortez, 2004.

GOMES, Nilma Lino. Indagações sobre currículo: diversidade e currículo. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007.

MACHADO, Maria M. e RODRIGUES, Maria E. de Castro. A EJA na próxima década e a prática pedagógica do docente. In: Revista Retratos da Escola, Brasília, v. 8, n. 15, p. 383-395, jul./dez, 2014.

MOURA, D. e PINHEIRO, R. Currículo e formação humana no ensino médio técnico integrado de jovens e adultos. Aberto, Brasília, v. 22, n. 82, p.91-108, nov. 2009.

NICOLESCU, Basarab. O Manifesto da Transdisciplinaridade. Tradução Lucia Pereira de Souza. São Paulo: TRIDM, 1999, p. 133.

REIS, Renato H. A constituição do ser humano: amor-poder-saber na educação/alfabetização de adultos. Campinas, SP: Autores Associados, 2011.

UNESCO. Currículo integrado para o Ensino Médio: das normas à prática transformadora/ organizado por MarilzaRegattieri e Jane Margareth Castro. Brasília: 2013

VIGOTSKI, L.S. A construção do pensamento e da linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. Pensamento e Linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 1995.